

# Redescobrir a experiência operária: projetos-herança para a Abordagem Ergológica do Trabalho<sup>1</sup>

Daisy Moreira Cunha<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)

Este texto tem como objetivo pontuar pressupostos e instrumentos de pesquisa na vasta obra de Ivar Oddone e sua equipe em Turim nos anos 1960-1970 para, em seguida, cotejar apropriações críticas realizadas por Yves Schwartz em vários textos que fundamentam a Abordagem Ergológica do Trabalho. Nosso interesse em compreender e transformar o trabalho mantém vivo o diálogo entre essas duas linhagens do pensar.

Palavras-chave: Movimento operário italiano, Abordagem ergológica do trabalho, Experiência, Trabalho.

Rediscovering the workers' experience: heritage projects for the Ergological Approach to Work

The aim of this text is to point out the assumptions and research tools in the vast work of Ivar Oddone and his team in Turin in the 1960s and 1970s, and then to compare the critical appropriations made by Yves Schwartz in various texts that underpin the Ergological Approach to Work. Our interest in understanding and transforming work keeps the dialogue between these two lines of thought alive.

Keywords: Italian workers' movement, Ergological approach to work, Experience, Labor.

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma reelaboração da intervenção realizada na mesa-redonda "Clínica da atividade, ergologia e ergonomia: uma tradução de Ivar Oddone", ocorrida em 18 de outubro de 2023 no Instituto de Psicologia da USP durante o V Colóquio Internacional de Clínica da Atividade: Práticas de Intervenção, Análise e Transformação do Trabalho (CICA). O objetivo da mesa-redonda foi debater o livro *Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho* (Fabrefactum), por ocasião do lançamento de sua tradução para o português brasileiro.

<sup>2</sup> <https://orcid.org/0000-0002-0702-8132>

## Introdução

Este texto tem como objetivo pontuar alguns aspectos fundamentais na vasta obra dos italianos Ivar Oddone e sua equipe<sup>3</sup> para, em seguida, cotejar apropriações críticas em vários textos que embasam a Abordagem Ergológica do Trabalho.

O legado de Oddone e sua equipe (Alessandra Re, Gianni Briante, entre outros) articula, numa confrontação permanente, os conhecimentos científicos e a experiência dos trabalhadores. Constituiu-se como uma referência incontornável para nortear a compreensão dos problemas de saúde e segurança nos contextos produtivos desde os anos 1960. Nessa perspectiva, Oddone contribuiu substancialmente para o desenvolvimento de correntes de pensamento em disciplinas, como a Ergonomia e a Psicologia do Trabalho.

Mais do que renovar a compreensão acerca do trabalho humano, o médico italiano colaborou para os avanços nos modelos de prevenção dos riscos adotados em ambientes laborais, na Itália dos anos 1960 a 1980 (Ruzzenenti, 1990). Os trabalhos de Oddone na Universidade de Turim/Itália foram inspiração estruturante para o campo da Saúde do Trabalhador no Brasil após a tradução da cartilha *Ambiente di lavoro*<sup>4</sup>. Esse material buscava resolver a questão da parcelização dos modelos de análise que, pela adoção de uma linguagem comum entre trabalhadores, técnicos e sindicalistas, trouxe um modelo mais apropriado de controle dos fatores de risco no ambiente laboral, possibilitando uma visão mais globalizante desses fatores e fornecendo material de negociação sindical. Essa cartilha foi traduzida no Brasil com o título *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*, tendo sido bastante utilizada na construção de *mapas de risco* pelos trabalhadores brasileiros em suas situações de trabalho a partir dos anos 1980 (Mattos & Freitas, 1994). Sabemos ainda que contribuiu na luta dos trabalhadores venezuelanos por melhores condições de saúde em ambientes laborais (Pereira, 2015).

Mais recentemente, o interesse brasileiro por esse patrimônio teórico e político renova-se por ele se configurar como fundamento de correntes do pensamento que investigam o trabalho humano na linguística aplicada, bem como nas denominadas Clínicas do Trabalho. Entre elas, a Abordagem Ergológica do Trabalho (Bendassolli & Soboll, 2011).

Nosso interesse em compreender e transformar o trabalho mantém vivo o diálogo entre essas duas linhagens do pensar. O que nos motivou a trabalhar, juntamente com outros colegas, na tradução do livro *Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho*<sup>5</sup> em 2023.

---

<sup>3</sup> Ivar Oddone nasceu em 1923, em Imperia (Ligúria). Entrou em 1943 nas fileiras da Resistenza Partigiana, movimento armado de oposição ao fascismo e à ocupação da Itália pela Alemanha nazista. Foi liderança de um batalhão, da 4ª Brigada, e responsável pelo destacamento que operava na província de Imperia. Ítalo Calvino, seu grande amigo, o descreve no livro *A trilha dos ninhos de aranha* como um “argumentador analítico, com grande capacidade intelectual e lógica, e com um enorme interesse pelo gênero humano”. Graduado em Medicina em 1949, Oddone trabalhou na Clínica Médica Universitária. Em 1961, passou a fazer parte da Comissão Médica da Câmara de Trabalho de Turim, instituída a partir de lutas da CGIL (Confederazione Generale Italiana del Lavoro, [www.cgil.it](http://www.cgil.it)), a maior central sindical italiana, para combater situações de nocividade ambiental no trabalho, após denúncias de operários da fábrica Farmitalia (Cf. mais detalhes sobre aspectos biográficos em Pereira, 2017a).

<sup>4</sup> Cf. Oddone, Ivar. *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo: Hucite, 1986 (Saúde em Debate). Esse texto teve a 2ª edição revisada e ampliada em 2020. Cf. ainda Muniz, Brito, Souza, Lacomblez e Athayde (2013).

<sup>5</sup> Oddone, Re, & Briante (2023). *Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho*. Fabrefactum. A obra está disponível gratuitamente no site da Editora Fabrefactum e no Portal de Livros da Faculdade de Educação da UFMG, coleção Trabalho e Educação, linha editorial Experiência e Conhecimento do Trabalho. Esse livro é uma tradução realizada diretamente do italiano de *Esperienza operaia, coscienza di classe e psicologia del lavoro*, publicado pela Editrice sindacale italiana em 1974. Existe uma tradução francesa muito referenciada na literatura e que tomamos como referência aqui: *Redécouvrir l'expérience ouvrière*, publicada por Messidor e Éditions Sociales em 1981.

## Trabalho é experiência

A criação de uma *Comunidade Científica Ampliada*, experiência vivenciada por Oddone, Re e Briante, coloca em foco a experiência de trabalho dos metalúrgicos da FIAT Automóveis na cidade de Turim nos anos 1970. Essa comunidade foi formada por um grupo de pesquisadores da Universidade de Turim, que se reuniam com metalúrgicos, no contexto das 150 horas<sup>6</sup>, para discutir questões relativas aos elementos nocivos à saúde no ambiente de trabalho desses operários. A convivência e o diálogo entre esses dois segmentos permitiram compreender que os riscos que se apresentavam no processo produtivo provocavam atitudes dos trabalhadores em defesa da sua saúde, o que os impulsionava a adquirir novos conhecimentos, na perspectiva de transformar suas condições de trabalho. A investigação sobre a construção cotidiana dos saberes desenvolvidos no trabalho permitiu aos pesquisadores compreender melhor “o que faziam os operários, o que pensavam os operários, quem era o operário, que sentido e [quais] os objetivos de suas lutas, centradas sobre problemas de segurança e higiene” (Oddone, Re, & Briante, 1981, p. 21).

Logo nas páginas iniciais do livro *Redécouvrir l'expérience ouvrière* (1981), Oddone, Re e Briante chamam a atenção para o fato de que a grande dificuldade na associação entre a experiência operária e a psicologia do trabalho se deu em razão desse esforço em resistir – na medida do possível – à tentativa de enquadrar a experiência operária na linguagem e num contexto científico que sempre a rejeitou. A experiência, compreendida como

aprendizagem, de um modo individual e coletivo, de soluções capazes de resolver problemas concretos que o trabalho lhe coloca todo dia no interior da usina [...] o operário aprende, quer dizer, adquire uma experiência não somente em relação à tarefa, mas também no plano político e sindical (Oddone, Re, & Briante, 1981, p. 17).

Tal como em E. P. Thompson (1981), o trabalho é produto da vivência individual e coletiva, configurando um patrimônio cultural de classe face às condições de vida. Há uma dialética permanente entre vida social e trabalho, não sendo pertinente desconsiderar a consciência de classe no forjar-se do trabalhador. Mas, diferentemente, Oddone capta a experiência de trabalho sendo forjada no enfrentamento às condições gerais de produção, em situações de trabalho taylorizadas da FIAT, na Turim dos anos 1950-1970, nas quais Oddone já observava que o trabalhador vivenciava

uma experiência em matéria de tarefa, mas transmitindo seu saber para outros [enquanto ele próprio adquiria] igualmente uma quando se relacionava com os outros. Portanto, podemos afirmar que a formação informal é o fruto de duas experiências: por um lado da experiência puramente e simplesmente transmitida e de outra parte, da experiência nascida das dificuldades encontradas e superadas no curso da transmissão. Neste segundo tipo de experiência aparece um grande número de novos problemas ainda sem solução e que, no mais, não são nem mesmo percebidos posto que seu objeto difere daquele dos problemas iniciais (máquina ou tarefa). Tomar consciência de sua existência exige dos

---

<sup>6</sup> Conquista sindical e política dos trabalhadores italianos que garantia aos mesmos 50 horas anuais, durante três anos, para frequentar qualquer processo educativo. Nesse contexto, Oddone e sua equipe puderam oferecer seminários de formação na Universidade de Turim para trabalhadores metalúrgicos, constituindo o dispositivo que denominaram como Comunidade Científica Ampliada.

trabalhadores um nível de pesquisa que os localiza além de uma dimensão individual e de categorizações tradicionais que se tornaram, porém, inadequadas (Oddone, Re, & Briante, 1981, pp. 59-60).

A obra de Oddone, Re e Briante (1981) desvela o saber de uma classe que vive do trabalho. Nela, a experiência operária é a abordagem global dos problemas coletivos de grupos de trabalhadores, permeada e estruturada por julgamentos de valor deles.

Os autores logo colocarão o problema de como fazer falar essa experiência, para além dos comportamentos esperados pelas normas que a enquadram. A aproximação entre pesquisadores e a realidade concreta dos trabalhadores se constituiu em um marco histórico, no sentido de um novo regime de produção de saberes sobre trabalho, por trazer novas demandas sociais para a reflexão acadêmica que se fazia à época. Essa ampliação resultou em um novo modelo de análise, produzido a partir da experiência do trabalhador, considerando o valor da sua história individual, coletiva e de sua capacidade de intervir na solução dos problemas que se colocavam no trabalho – o que se contrapunha aos saberes epistêmicos validados na ergonomia e na psicologia da época, que utilizavam um método analítico para medir e avaliar os problemas de forma global, conhecendo-os parcialmente, sem considerar o trabalhador como sujeito ético e epistêmico.

No trabalho em comum entre pesquisadores e operários na Turim dos anos da década de 1970 e no bojo da instituição das *Comunidades Científicas Ampliadas*, Ivar Oddone discerniu o problema do entendimento de parte a parte, para compreender questões relacionadas à saúde operária e aos fatores de nocividade nos ambientes de trabalho dos metalúrgicos da FIAT. E, em algum momento desses encontros, eles desconfiaram que algo lhes escapava nas tentativas de fazer com que os trabalhadores lhes dessem informações mais densas sobre as experiências no trabalho quotidiano na metalúrgica.

A experiência das Comunidades Científicas Ampliadas problematiza os estudos do homem no trabalho – levando em conta que não consideram o ponto de vista da atividade dos trabalhadores –, pelo fato de que, ao enfatizarem dimensões específicas na relação com o meio, impossibilitam uma compreensão mais globalizante e dialética dessa relação. Assim, nos estudos médicos, as abordagens podem priorizar os riscos corporais, negligenciando os aspectos psicossociais muito mais ressaltados pela psicologia. Ou, em estudos ergonômicos de laboratório, a ênfase pode recair no aspecto físico-mecânico do trabalhador desempenhando sua tarefa, sem levar em consideração sua história individual e de classe.

Essa tensão entre a forma analítica do protocolo científico e a forma sintética da experiência laboral atravessa todos os textos produzidos por Ivar Oddone, Alessandra Re e demais membros que com eles compunham uma equipe. Por isso o convite ao (re)descobrimento desse patrimônio vivido como ponto de partida para (re)interrogar a psicologia como um patrimônio científico.

Há ainda uma alusão à mudança de paradigma na perspectiva de Thomas Kuhn – *A Estrutura das revoluções científicas* (Kuhn, 1972) –, pois se fala de uma nova articulação necessária entre ciência e sociedade, na qual a experiência social dos trabalhadores deve ser ponto de partida para pautar novos problemas e perspectivas na abordagem das questões de saúde e da vida das camadas populares. Destaca-se, também, o problema do quanto as **ciências do trabalho** estariam preparadas para, naquela época (início da década de 1970), compreender a dinâmica dos grupos operários que observavam, interpretavam e modificavam as condições de trabalho (e mesmo a organização da produção) em função dos modelos com

os quais operavam. Face às experiências relatadas pelos trabalhadores, as prescrições do trabalho revelam, finalmente, uma tensão na ideia de divisão entre executantes e gestores (planificadores), na medida em que entre os primeiros encontramos alguns capazes de indicar a natureza dos problemas habitualmente excluídos dos campos de pesquisa, bem como a maneira de resolvê-los, o que demonstra uma concepção diferente das modalidades de produção.

No contexto<sup>7</sup> da Turim do período no qual os autores escrevem, sabe-se da importância das ideologias operárias na formação política e sindical daqueles trabalhadores italianos, sendo o nível de escolaridade deles importante, mas não suficiente para a construção do que denominou-se **modelo de ordem interpretativa**. Sabiam os autores que, no plano de uma **ordem operatória**, seria importante uma tomada de consciência – do papel que teriam como classe e grupo na determinação das modalidades de produção para que intervenções mais profundas no sistema produtivo ocorressem tendo em vista o controle das penúrias (Oddone, Re, & Briante, 1981, p. 43).

Nisso, a experiência das Comunidades Científicas Ampliadas também obteve sucesso, na medida em que soube capitalizar ações coletivas da *Federazione dei Lavoratori Metalmeccanici* (FLM), intervindo na Reforma Sanitária Italiana ao criar um modelo participativo de eliminação de riscos em situações de trabalho.

## Principais pressupostos

Sem pretensão de exaustividade, elencamos os principais pressupostos que podemos assinalar como legado dessa experiência dos anos 1970:

- A **centralidade do trabalho** como lugar interessante para o exercício da ação política a partir da experiência real dos trabalhadores que lá se encontram;

- A **inteligência operária** está contida no curso da ação laboral em contexto profissional. A premissa de Gramsci de que, mesmo em condições adversas e hostis, “o sujeito permanece ativo, continua com sua capacidade de pensar e de reapropriar-se do sentido e significado de suas experiências, de construir identidade e desenvolver uma inteligência coletiva centrada no projeto de transformação do presente” (Oddone, Re, & Briante, 1981). É nesse contexto que poderemos pensar a atividade que se desdobra na execução das tarefas com base na experiência do **sujeito** da ação;

- O **comportamentalismo subjetivo de Miller**, Galanter e Pribram (1960) contribuiu no intuito de explicar a experiência em sua unidade, considerando que ela se encontra imersa na cultura. Pela Instrução ao Sósia, houve essa possibilidade de tomada de consciência, emergência dos modelos interpretativos, perscrutando comportamentos através da “recriação da convivência de classe, revivida no presente” (Pereira, 2017b, p. 22). A Instrução ao Sósia representa níveis e escalas de consciência do sujeito que age e fala sobre seu trabalho, que representa sua atividade e seus processos cognitivos, representações do espaço, das ações etc.

---

<sup>7</sup> Cf. Julien Allavena (doctorat en science politique, Université Paris 8, Crespa-Labtop et ATER à Rennes 2): “La genèse des Quaderni rossi: le projet d’‘enquête de masse dans les usines’ et son questionnaire (1958-1961)”.

Para Pereira (2017b), essa

reorganização da experiência, convertida agora em saber, possibilita tanto a tomada de consciência individual, como também a formação e ampliação da consciência de classe... [esta] como ponto de chegada, converte-se então em ponto de partida, tornando-se o referente a partir do qual são validados os modelos científicos a serem apropriados, os objetivos a serem definidos e as ações a serem empreendidas coletivamente (Pereira, 2017b, p. 22).

Nas palavras de Alessandra Re, em entrevista concedida a Cunha (2023), buscou-se oportunizar ao sujeito que trabalha elaborar sua experiência com suas contradições, desconfortos, desafios, aprendizagens na dinâmica de suas atividades cotidianas.

- O **trabalhador singular e coletivo**, produção de conhecimento sobre sua realidade de trabalho. Uma psicologia do trabalho, experiência operária, consciência de classe e psicologia. Uma psicologia concreta baseada na formalização da experiência informal dos trabalhadores, em sua luta por controle dos processos vitais na produção da vida.

- A **atividade laboral é situada**, o que os levou a “construir uma representação de risco por lugares, em lugar de substâncias, distúrbios e danos” (Oddone, 2019, p. 18). Vale a pena lembrar que a ergonomia de língua francesa, que cunhou o termo *situações* para denominar esse meio sociotécnico de trabalho.

- O **conhecimento** (médico, psicológico, ergonômico do trabalho, de abordagem ergonômica) e a experiência concreta (dos trabalhadores) podem ter bases racionais diferentes:

a tentativa mais problemática e mais equivocada à luz da experiência foi aquela que tentou reconstruir a representação dos fatores de risco para os operários como um conjunto mínimo de conhecimentos, similares à ideia de conhecimentos científicos, sem mudar de paradigma (Oddone, 2016, p. 18).

Torna-se necessário construir conhecimento e intervenção de modo compartilhado entre esses saberes.

- O **contraponto ao positivismo com valorização de outros saberes**, pontos de vista e linguagens com o foco na intervenção em problemas concretos com intuito de “‘investigar’ as pessoas em seu ambiente vital”. Nessa direção, buscava-se, como convém a uma pesquisa em uma comunidade científica ampliada, compartilhar uma “linha de conhecimento”, ou seja, “o fio que entrelaça as experiências para compor o tecido do conhecimento” (Oddone, 2016, p. 18):

...eu deveria ter um plano profissional de investigação que me permitisse reconstruir as condições de produção e a organização do trabalho que estavam em sua base, até chegar a

um ponto que me permitisse “ver” aquilo que, na situação produtiva, “via” o operário (Oddone, 2016, p. 18).

- **Grupo homogêneo:** experiências compartilhadas (elementos em comum) em termos de vivência, autonomia, controle e saber sobre a própria atividade. O que não quer dizer experiência homogênea, mas compartilhada através da ponderação coletiva e do trabalho de linguagem:

O grupo homogêneo dizia respeito a uma representação comum sobre o trabalho, construída nas trocas de experiências entre os operários participantes do processo de discussão sobre questões relacionadas ao trabalho. Falar em grupo homogêneo não significava uma negação da diversidade de características e experiências dos trabalhadores, mas que esses possuíam uma perspectiva semelhante sobre as vivências e riscos relacionados ao trabalho. Embora os trabalhadores pudessem desempenhar atividades iguais e estivessem submetidos às mesmas condições de trabalho, essas questões podiam ser vivenciadas de modo diferente por cada sujeito. Tal fato, relacionado à diversidade de experiências dos membros de um mesmo coletivo, por vezes criava uma incomensurabilidade na comunicação entre esses trabalhadores, sendo requerida, portanto, uma linguagem que também viabilizasse o compartilhamento das experiências comuns a esse coletivo. **O termo homogêneo, nesse caso, indica esse caráter comum, partilhado em termos da experiência e compartilhado através da linguagem.** A validação consensual relacionava-se ao crivo comum necessário para que as descobertas e informações fossem tomadas em consideração, ou seja, a experiência que cada um explicitava deveria ser apreciada e ratificada pelo coletivo. Além desses dois aspectos, uma premissa fundamental era a da **não delegação**: não deviam se limitar a denunciar as situações de risco, delegando a quem quer que fosse a responsabilidade por modificá-las. Tratava-se de serem protagonistas na proposição de postos de trabalho saudáveis para si próprios e para os demais (Oddone, 2016).

- **A linguagem:** é necessário criar um compartilhamento de sentidos para construir interface comunicativa e permeabilidade nos entendimentos entre o técnico em saúde, o médico do trabalho e a experiência real dos trabalhadores. Essa questão atravessou os problemas que os pesquisadores enfrentaram desde os primeiros contatos com os trabalhadores. Algumas dificuldades estavam relacionadas ao fato de que as perguntas que colocavam não tinham respostas satisfatórias por parte dos trabalhadores mais interessados em buscar formas de escapar daquelas condições nocivas que enfrentavam em seu cotidiano. Por outro lado, havia uma atitude sindical, e dos próprios médicos, de monetizar os danos à saúde, como saída para os problemas sanitários gerados pelas formas de organização do trabalho. Outras dificuldades estavam relacionadas à ilusão científica e profissional dos pesquisadores e técnicos de que, conhecendo os riscos e nocividades, haveria possibilidade de eliminação dos problemas enfrentados nas situações laborais. Então havia entre todos uma incompreensão mútua do que se colocava como desafio para compreender e transformar o trabalho naqueles postos taylorizados. Essa cultura política e técnico-científica deixava escapar as razões fundamentais do problema e escamoteava o fato de que as formas de trabalhar precisavam ser questionadas e transformadas.

Essa incompreensão estava ligada às culturas profissionais e políticas de cada segmento desse diálogo – médicos e outros especialistas –, portadores de saberes técnico-

científicos com instrumentos de análise e linguagem própria, e trabalhadores com sua experiência de trato cotidiano das nocividades laborais. O diálogo não se estabelecia.

É difícil colocar em contato esse tipo de linguagem analítica com a linguagem dos trabalhadores. Os trabalhadores possuem uma noção dos fatores tais como pó, gás, enfim, dos produtos que eles usam, relacionada com o seu cotidiano de trabalho, com as experiências que decorrem do trabalho com tais substâncias. Porque uma linguagem é analítica para os fatores, e a deles, ao invés, é sistêmica para a situação. O médico não conhece jamais a complexidade e a variabilidade das situações de trabalho real, e o trabalhador não conhece toda a articulação científica dos fatores de risco. Então, o que acontece na prática, voltando, por exemplo, às categorias de quatro grupos de fatores, é que o médico pode se aprofundar sobre os fatores específicos de risco e sobre a interação entre esses, e o trabalhador, em sua avaliação sistêmica, pode distinguir situações onde um fator de risco é agravado porque existem outros fatores que o tornam mais grave: espaços inadequados, interrupções, falta de pessoal. Então, as duas linguagens, juntas, podem construir uma avaliação de risco mais eficaz (Pereira, 2017a, p. 204).

Para compreender a riqueza dos acontecimentos da experiência real de trabalho, a linguagem apresenta-se, portanto, como um instrumento fundamental, tanto num processo de compreensão mútua nessas tentativas, quanto para intervir eficazmente no problema das nocividades do ambiente de trabalho. Conta-nos Oddone que muitas dificuldades cercaram a primeira experiência de diálogo, pois foi muito difícil associar a psicologia do trabalho tradicional e sua linguagem à experiência relatada pelos operários em grupos de trabalho nos quais cada parte deveria trazer seus aportes. No contexto da experiência em **Comunidades Científicas Ampliadas**, Oddone desenvolverá a **Instrução ao Sósia** (Oddone, Re, & Briante, 1981), técnica baseada no modelo milleriano de simulação do comportamento, visando reproduzir o processo complexo dos comportamentos dos trabalhadores em planos de ação mais próximos da realidade. Essas descrições de ação trazem imagens da usina e das relações sociais e hierárquicas desde a experiência pessoal, real e situada, bem como saberes, valores e visão de mundo<sup>8</sup>.

A técnica consiste em pedir aos sujeitos que deem instruções a um **eu-auxiliar**, um sósia, que deve responder à questão: se existisse outra pessoa, perfeitamente idêntica a você, o que diria a ela sobre como se comportar na fábrica, em relação à tarefa, a seus camaradas de trabalho, à hierarquia e à organização sindical, de maneira que não percebamos que se trata de um sósia? Há aqui a captação de uma imagem do comportamento real, mas não o comportamento real e total do indivíduo. Há uma representação que ele faz de seu próprio comportamento. Existe uma distância entre comportamento descrito e comportamento efetivo, mas existe uma parcela preenchida pelo controle dos fatos e a testemunha de outrem. No entanto, o que interessa é o *plano-programa* servindo de guia para a ação de cada um<sup>9</sup>.

Há um esforço de explicitação da parte daquele que instrui sobre suas formas de fazer. Esse processo está sempre em aberto, é interminável uma vez que poderá ser acrescido em detalhes que podem ser lembrados pelo instrutor durante a formulação da instrução, ou

---

<sup>8</sup> Cf. Miller, G. A., Galanter, E., & Pribram, K. H. (1960). *Plans and the structure of behavior*. Holt, Rinehart and Winston.

<sup>9</sup> Alessandra Re nos dirá em conversações que essa referência foi utilizada porque permite pensar a unidade da experiência. *Entrevista com Alessandra Re*, Paris, 2023 (mimeo).

no momento do diálogo com o sócia, respondendo a solicitações de esclarecimento. Esse processo de explicitação dos meandros da experiência é duplo, para aquele que recebe a instrução, mas também para aquele que a elabora e repassa.

- A **prevenção primária** na área de riscos, vigilância em saúde, doenças profissionais, baseando-se em observação direta, diálogos entre pares e com os pesquisadores, autorreflexão e formalização da experiência. O trabalho é fator primordial na construção da saúde, não apenas um condicionante externo a esta.

- A **não-delegação** é, em certo sentido, agir com o *expert* para compreender e colocar em evidência o limite de usar apenas a linguagem e o conhecimento de tipo técnico. Podemos pensá-la como **pressupondo a autonomia operária, o estímulo à participação direta e o engajamento na transformação das situações estudadas.**

## **Instrumentos de pesquisa**

Os instrumentos desenvolvidos na experiência de Oddone, Re e Briante com a equipe de pesquisadores com a qual trabalhavam sempre focaram nas articulações da relação trabalho-saúde-vida, suas imbricações e relações de pertinência. Nessa perspectiva, torna-se estratégico implicar o trabalhador – protagonista na construção do conhecimento a respeito da relação saúde-trabalho – na formulação dos objetos de pesquisa, na coleta e elaboração de problemas relativos a ele, bem como na busca de soluções de melhoria das condições de trabalho. Alguns dos principais instrumentos criados pela equipe italiana da Universidade de Turim vislumbravam a coparticipação desde a delimitação de objeto de pesquisa e intervenção à coleta, formalização e elaboração da experiência de trabalho, seus problemas, contradições e significados em termos de saúde do ponto de vista do trabalhador.

### ***Cadernetas de saúde***

Esse instrumento de trabalho se tratava de cadernetas de registros que serviram como ferramenta para o trabalhador memorizar aspectos de sua saúde relacionados ao trabalho, a partir de sua própria perspectiva, atribuindo valor próprio às anotações (Souza, 2018, p. 2): caderneta sanitária (anotações pessoais relacionadas a distúrbios de saúde persistentes), caderneta de risco (registro de dados pertinentes à nocividade vivenciada nos ambientes de trabalho).

### ***Instrução ao Sócia***

Esse dispositivo nasceu, como discutimos acima, da necessidade de um método para que os trabalhadores pudessem comunicar sua experiência no que ela traz de contradições, antecipações para a gestão dos problemas colocados pelo trabalho prescrito, as escolhas entre critérios diversos dentro das margens de ação previstas nas condições e situações de trabalho dadas. Tal processo visava fazer emergir um conteúdo sempre imerso tacitamente no cotidiano do modo de realizar as ações e operações da atividade de trabalho. É um suporte à

categoria de método, uma vez que desnaturaliza a atividade em situações determinadas de trabalho, possibilitando a descrição fina do agir a partir de uma experiência singular em suas múltiplas facetas, aspectos implícitos e nem sempre conscientes: escolhas, impedimentos, instrumentos, operações, comportamentos, afetações, sentimentos, sentidos, hesitações, significados, julgamentos, crenças, dimensões em geral da atividade, ligadas ao processo de representação para a ação, evidências, percepção, intuição, níveis de consciência na solução de problemas encontrados em uma tarefa, sempre considerando o contexto de uma ação situada. É realizada em regime de coanálise com os próprios trabalhadores, o que é educativo, pois traz a consciência de si ao agir nas situações analisadas, podendo acarretar maior propriedade e ampliação do potencial de intervenção sobre elas. É também um problema de método estabelecer e construir essa comunicação entre aqueles que dominam os campos científicos e aqueles que experimentam situações reais de trabalho (conferir, por exemplo, Potiguar et al., 2016).

### Mapas

A prática da cartografia dos ambientes de trabalho pelos próprios trabalhadores favorecia o reconhecimento do saber dos operários, que indicavam pontos de referência causadores de nocividade no trabalho. Essa prática se disseminou na Itália dos anos 1960 e 1970. Em algum momento, esses mapas eram discutidos conjuntamente para socialização, validação e aprendizagem coletiva sobre o assunto entre trabalhadores, pesquisadores e estudantes.

É que, anteriormente, as prerrogativas para intervir estavam mais vinculadas às análises técnicas dos especialistas e que eram validadas passando pelo crivo da experiência operária. A “não delegação” reintegra o poder de análise ao campo de decisão, aquele da experiência do trabalho real; assim, reintegra a experiência de trabalho real como ponto de partida para compreender e intervir.

Esses instrumentos, utilizados individualmente, eram validados coletivamente. Favoreciam o reconhecimento de saberes sobre nocividade a partir da experiência de trabalho real de cada um, mas uniam esforços políticos para reafirmar uma condição de luta contra os efeitos nocivos identificados para a saúde dos trabalhadores operando em condições análogas. De certa forma, consolidava o coletivo, e aumentava o poder de agir dos trabalhadores por via da “não delegação” aos especialistas.

Essa pesquisa-ação na vigilância sanitária se desdobrará, na experiência italiana, em prevenção primária, secundária e terciária, enfim, em uma política pública de saúde (Reforma Sanitária, Lei 833 de 1978). Gramsci certamente inspira essa articulação entre o micro das situações de trabalho (coleta e sistematização de dados primários) e as políticas públicas em âmbito nacional (tomada de decisão em vários âmbitos decisórios). A construção da hegemonia nesse campo consiste em gerar *informação para ação* pela eliminação de riscos, via modelo de participação, regulação e controle social, que traz, inclusive, a criação de mapas de risco em seu texto<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Em 2016, estive, levada pelo Professor Yves Schwartz, na residência de Marc Andeol (membro da Association pour la prise en charge des maladies éliminables – APCME, cartógrafo ambiental) em Port de Bouc, França. Ele trabalhou desde os anos 1980 com Ivar Oddone e Alessandra Re, quando *Redécouvrir l'expérience ouvrière* foi publicado na França. Essa colaboração visava “estabelecer, em um certo número de empresas de Étant de Berre, uma cartografia de riscos profissionais, inspirando-se nos métodos anteriormente experimentados na FIAT de Turim e, além disso, construir sistemas integrados de prevenção médica no seio de cidades provençais onde essas mutuais de empresa eram particularmente ativas (Port de Bouc, Martigues, La Ciotat...)”

O Movimento de Reforma Sanitária brasileiro esteve atento ao que se passava na Itália nesse período, e é essa a primeira apropriação dos trabalhos de Oddone, Re, Briante e os coletivos com os quais trabalhavam. Os Mapas de Risco foram apropriados pelo movimento sindical e pelos defensores da reforma sanitária no Brasil dos anos 1980. E foi incorporado, pelas lutas dos trabalhadores brasileiros, como dispositivo estratégico na vigilância em saúde do trabalhador, um dos eixos estruturantes de nossa política de saúde pública (Facchini et al., 1991; Facchini et al., 1997; Fassa et al., 1992).

Isso ocorre num contexto em que nos descobrimos com um vasto mercado informal, taxas elevadíssimas de acidentes e pouca proteção social. Já em 1992, a construção de mapas de risco foi prevista em nosso marco normativo de vigilância sanitária (Portaria nº 5 de 17 de agosto/1992) para empresas que tivessem CIPA, que deveriam constituí-los coletivamente com os trabalhadores, em associação com os serviços de medicina e segurança do trabalho das empresas. À época, deveriam ser indexados os riscos categorizados em quatro grupos (físico, químico, biológico e mecânico) nas plantas baixas das produções locais, sendo esses mapas colocados em lugares de visibilidade para todos (Mattos & Freitas, 1994).

\* \* \*

Não há como aprofundar, neste texto, os contornos ricos e instigantes dessa pesquisa-ação sobre trabalho na experiência italiana, e seu alcance extrapola o campo do trabalho operário, as fronteiras europeias e também a Psicologia ou a Ergonomia, disciplinas que foram ponto de debate essencial para a construção dessa experiência. Um interesse renovado se prolonga atualmente em várias correntes de pesquisa, entre elas, a Abordagem Ergológica do Trabalho, em território francês, nosso tema a seguir.

## Projetos-herança para a abordagem ergológica do trabalho

Os trabalhos de Oddone, Re e Briante são um dos pilares fortes sobre os quais Yves Schwartz e a equipe da Aix-Marseille Université<sup>11</sup> fundaram as bases da Abordagem Ergológica do Trabalho nos anos 1980. Os outros dois patrimônios que essa abordagem reivindica como herança são: a *Ergonomia da Atividade*, na perspectiva de Alain Wisner, chamada por Schwartz de propedêutica em texto seminal (Schwartz, 2004); e a *Filosofia da Vida* de Georges Canguilhem. Poderíamos afirmar que esses trabalhos dos pesquisadores de Turim, pelo que sugerem em termos de uma epistemologia interessada, podem ser considerados também uma propedêutica para a ergologia, no sentido em que se aprende com eles um modo de produzir conhecimento sobre trabalho.

---

(Schwartz, 2000, p. 328). Essa colaboração na constituição de uma experiência de vigilância sobre doenças profissionais em associação com médicos na cidade de Etang de Berre, França, permaneceu até pouco antes do desaparecimento de Ivar Oddone. <https://www.20minutes.fr/marseille/1711803-20151019-sante-france-premiere-maladie-professionnelle-surdite>

<sup>11</sup> Antiga Université de Provence, França.

## Coletivos interprofissionais

Desde 1983, um estágio de formação denominado *Culture professionnelle, savoir-faire, mutations technologiques* acolhe, na então Université de Provence, trabalhadores de diversos setores econômicos da região Provence-Côte d'Azur. O objeto dessa formação eram as mudanças em curso no mundo do trabalho e, nessa perspectiva, um trabalho de pesquisa em regime de cooperação entre pesquisadores e trabalhadores pouco habituados ao trabalho em comum deveria se instituir. Nesse encontro, haveriam de confrontar conhecimentos de uns e experiência de outros buscando compreender suas “inculturas” mútuas.

O termo *taylorismo com duplo efeito* seria uma das lições desse primeiro estágio de formação, experiência de pesquisa-ação, já em curso na Aix-Marseille desde os primeiros trabalhos com grupo de trabalhadores, nos quais contribuíram Daniel Faïta e Bernard Vuillon<sup>12</sup>. Esse termo faz menção à gestão taylorista do trabalho, duramente criticada por ignorar a inteligência operária, mas, também, às elaborações científicas no que ignoram da experiência do trabalho real. Em várias passagens da obra *L'homme producteur: autour des mutations, du travail et des savoirs* (1985) os integrantes da experiência da francesa se autodenominam *Comunidade Científica Ampliada*.

## Encontros

É em diálogo com a obra de Oddone, Re e Briante (1981) e naquele contexto histórico francês do início dos anos 1980, no qual a Ergonomia francesa emerge forte<sup>13</sup>, que os principais implicados no dispositivo *Análise Pluridisciplinar sobre Situações de Trabalho* (APST/Université de Provence) se interrogam:

Com quais instrumentos conceituais abordar o domínio do trabalho e dos trabalhadores, ainda mais sendo verdade que, no que diz respeito ao núcleo central, o trabalho, ele mesmo, a abordagem não poderia ser balizada por procedimentos que não integrariam a consciência de uma diversidade não eliminável de abordagens? Nós o sugerimos: para conhecer uma realidade de trabalho, as generalidades são sempre mais ou menos falhas e é preciso uma aprendizagem quase clínica de conceitos próprios para decifrá-la. Quando dizemos: “trabalho noturno, novas tecnologias, siderurgia”, como mensurar, exatamente, o que nessas noções faz avançar o conhecimento de uma realidade concreta e singular? Tal como o médico que, por mais conhecedor que seja de sintomas mórbidos, não pode fazer um diagnóstico sem o cara a cara com o doente e, da mesma forma, não podemos saber como utilizar e combinar os conceitos usuais do trabalho sem o cara a cara com aqueles que vivem e desconstroem essas realidades, como o “trabalho noturno, a tarefa parcelizada da operária da indústria de confecção, a informatização dos trabalhos de secretariado, ou todas as outras realidades industriais. Primeira razão para desejar uma Comunidade Científica Ampliada (Schwartz, 1985, p. 49).

Yves Schwartz observará em sua Tese de Estado *Expérience et connaissance du travail* (1988) alguns anos mais tarde, um triplo interesse das Comunidades Científicas Ampliadas:

---

<sup>12</sup> Jacques Duffourg, Pierre Trinquet, François Dollé, Marc Bartoli, Yves Clot, entre outros contribuíram para as experiências de formação inicial na Université de Provence.

<sup>13</sup> Não temos espaço no contexto deste texto para trazer os aportes da Ergonomia para a Abordagem Ergológica do Trabalho. Esse tema é abordado em permanência nos textos de Yves Schwartz. Cf. especialmente Schwartz, 2004.

- Aprofundar a tese da solidariedade entre ideia forte de ciência e ideia forte de cultura através de uma obra que se coloca precisamente sobre o terreno do trabalho;
- Ver como essa tese é ela mesma solidária de uma colocação em prática do que denominamos trabalho em comum das formas específicas de cultura e incultura, e avaliar o benefício gerado para o conhecimento do trabalho;
- Melhor medir posteriormente em que tal configuração da cultura, como elemento do pensamento ou como teoria dos atos humanos, pode constituir um impedimento - ou, ao contrário, um ponto de apoio – em nossa investigação sobre as dimensões do trabalho (Schwartz, 1988, p. 46).

Yves Schwartz, em suas reflexões a partir da experiência própria desenvolvida na então Université de Provence, aprofundará a perspectiva epistemológica e aprofundará o alcance da proposta de construção de Comunidades Científicas Ampliadas (Oddone, Re, & Briante, 1981) ao enfrentar os problemas perscrutados nas batalhas do trabalho real dos trabalhadores franceses.

período muito rico de aprendizagem e de contatos em meios de trabalho da região marselesa, com a ideia de transformar ou de dialetizar a noção de *expert* em situação de trabalho (...) como fazer para que os conceitos das patologias profissionais se instruissem das e trabalhassem as experiências, provas, formas específicas de saber, que habitam longitudinalmente os universos do trabalho? A questão se colocaria naturalmente em matéria de etologia e de definição das doenças profissionais (Schwartz, 2000, p. 328).

Esses coletivos interprofissionais passarão a ser denominados Dispositivos Dinâmicos de Três Polos – ambientes que nos convocam a repensar nossa própria profissionalidade. É o que o próprio Yves Schwartz buscará como objetivo ao pensar seu ofício de filósofo em obra seminal *Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe* (2000).

### ***Diálogo socrático de duplo sentido***

Esses coletivos interprofissionais (pesquisadores, trabalhadores, gestores...) criam um terreno de confrontação entre saberes de tipos diferentes, aqueles que emergem da experiência de trabalho e aqueles provenientes dos patrimônios das disciplinas científicas. Há uma reivindicação de *diálogo* sobre a experiência de trabalho na perspectiva de um ***diálogo socrático de duplo sentido***. Podem ser considerados como uma “**zona variável de interseção entre as formas de saber de uns e de outros**” (Schwartz, 2000, p. 407). Nesse diálogo, a entrada pela experiência oportuniza um entendimento sobre trabalho que deixa entrever um “espaço de debate obscuro de todo trabalhador com ele mesmo” (Schwartz, 1988, p. 846).

Esses coletivos interprofissionais seriam, portanto, necessários para construir conhecimento científico, “para uma aprendizagem *in situ* das renormalizações locais” (Schwartz, 2000, p. 658). Esse conhecimento de tipo novo possui capilaridade com as situações reais, havendo aí possibilidades renovadas de transformação social, bem como das formas de conhecer e compreender o trabalho.

Na Abordagem Ergológica do Trabalho, essa experiência de pesquisa colaborativa coloca aos pesquisadores franceses o problema da linguagem sobre saberes que circulam no trabalho. Isso porque a linguagem permeia o diálogo interprofissional nessas comunidades ampliadas portando em si as formas de nominação da linguagem natural da experiência dos trabalhadores e a forma conceitual presente nas culturas profissionais de pesquisadores e *experts*. A ideia de **Dupla Antecipação**, estruturante e apreendida na atividade de trabalho, pode ser esclarecedora aqui:

A relação entre o conceito e a experiência não é simples, certa, nem se põe em condições perfeitamente idênticas segundo os setores da realidade que o conhecimento procura compreender. Todo conhecimento supõe conceitos. O conceito é essa atividade intelectual que torna possível todo julgamento, toda possibilidade de fazer entrar nas percepções singulares nos quadros gerais previstos de possibilidades particulares. É verdade para um conceito tão simples como aquele de “montanha” ou também complexo como aquele de “doença profissional”. Sem conceito, a gente não sairia jamais do estritamente particular e então nenhuma linguagem, nenhuma comunicação seriam possíveis. O conceito, ao contrário, permite antecipar propriedades, operar sobre elas; e por aí ele permite testar, pelo funcionamento dos dispositivos experimentais, seu próprio valor como julgamento incitando ao reagrupamento de maneira coerente certos elementos da experiência (Schwartz, 2000, p. 402).

Os pesquisadores franceses de Aix-en-Provence chegaram a se perguntar se estavam constituindo “comunidades de trabalho” ou “comunidades de linguagem” (Schwartz, 2000, p. 407).

Essa zona de convergência aparece então como o resultado de um trabalho complexo, “improvável” impossível sem uma tenaz vontade comum que a gente poderia caracterizar por este duplo aspecto: uma apreciação mais justa do papel real de todos aqueles que chamamos “executantes”. Mais do que apagar os aportes específicos de uns e de outros sob uma problemática linguagem comum, a clara percepção dessas diferenças subsistindo sob o consenso explica, ao contrário, a fecundidade desse processo de “comunidade científica ampliada”. Ela permite compreender como se enriquecem simultaneamente e dialeticamente o conhecimento e a intervenção dos trabalhadores eles mesmos, sobre o homem no trabalho (Schwartz, 2000, p. 408).

Mas essa base de um trabalho cooperativo não pode ocultar que cada um traz consigo saberes e valores específicos e deverá retrabalhar sua ancoragem de origem. Os profissionais *experts* e pesquisadores deverão reinterrogar o patrimônio científico e os conhecimentos técnicos como campos de conhecimento, e os trabalhadores, as questões de saúde, de prevenção, tendo origem nas formas de política e de governo nas quais estão imersos cotidianamente.

### **Conceitos sob medida**

Os compartilhamentos entre pesquisadores e trabalhadores no contexto desses dispositivos permitem reconstruir a perspectiva da atividade, sem mutilar a atividade deste “si”, “sujeito do recentramento”, um corpo-si. Eles possibilitam desvelar esses “usos de si” que

nos deixam entrever um “sujeito”. Esse recentramento se enraíza num “corpo-si”, “entidade” biofisiológica, sócio-histórica e cultural. Essa seria uma via profícua de construção de conhecimento sobre o trabalho e sua transformação social.

Nessa perspectiva é que os conceitos da Abordagem Ergológica do Trabalho se forjam, bem como os de tantas outras análises e elaborações se produzem nesse encontro de experiências entre a equipe de Aix-en-Provence e a de Turim. Ressaltamos dois conceitos da abordagem ergológica que já desenvolvemos em outros escritos e que se nutrem desse diálogo com a experiência italiana: *competência profissional ampliada* e *Entidades Coletivas Relativamente Pertinentes*. Um desenvolvimento extremamente relevante é aquele que vai da noção de *experiência* ao conceito de *atividade industrial*, que também desenvolvemos em outras ocasiões e não temos espaço para retomar aqui.

### **Abordar o trabalho com qual démarche?**

Coloca-se então o problema metodológico do como abordar a experiência pelo “si” em nossas pesquisas sobre o trabalho, visto que ele se expressa numa *atividade industrial* que transgredir todas as normas e modelos conceituais que querem lhe formalizar, congelar em modelos protocolares de análise científica, conduzindo-nos a registrá-lo em dualidades: corpo e alma; ser vivo e ser humano; consciente e inconsciente; linguístico e não verbal; individual e coletivo; o fazer e o valorar; o raciocínio e o sentido etc. Poderíamos falar de uma atividade do “si” que recentra em saúde, numa perspectiva multidimensional, seu meio de vida também multidimensional. Tal recentramento em saúde se faz pela via dos saberes produzidos por esse homem singular e por sua capacidade de tomar decisões em função de valores de vida (éter da relação do ser vivo com o meio) disponíveis como patrimônio sociocultural pela humanidade que é a sua.

Ao forjar o termo *Dispositivo Dinâmico de Três Polos*, a equipe francesa selará uma perspectiva multidisciplinar que os levou a se autodenominarem como Análise Pluridisciplinar sobre Situações de Trabalho (APST) nos anos 1990. O desenvolvimento mostrará que, muito mais do que multidisciplinar, esse dispositivo nos leva, na orientação da construção de um conhecimento interdisciplinar. E, finalmente, transdisciplinar em última instância, já que, associado a ele, forjam-se conceitos de natureza não disciplinar: *usos de si por si e por outrem*; para ficar apenas em um exemplo. A presença do homem no trabalho deve permanecer central na análise do trabalho, mesmo se os usos que fazem dele, e os usos que ele mesmo faz de si, se desloquem em permanência, sejam infundáveis em suas formas, possuam dimensões incomensuráveis e sua compreensão seja limitada por nossa capacidade de conhecer.

Sem dar lugar para o *one best way* metodológico, o termo *Abordagem Ergológica do Trabalho* aparecerá na obra *Reconnaissances du travail: pour une approche ergologique* (Schwartz, 1997). Tal como outras abordagens que lhe são contemporâneas, oferece o que importa saber, na medida em que coloca o pesquisador em contato com os indivíduos inteiros e concretos, síntese que escapa a todo esforço analítico para conhecer os desdobramentos das transformações em curso na vida social e política, na organização do trabalho das formas produtivas nas quais estes homens se inserem para trabalhar.

## À guisa de conclusão

As contribuições da experiência italiana visando elaborar uma psicologia de tipo novo que incorporasse a experiência de luta dos trabalhadores por melhorias em suas condições laborais tem seu lugar independentemente das reivindicações de herança. Sabe-se que contribuíram na construção de abordagens renovadas do trabalho em muitos países e campos do conhecimento. Extrapolam, portanto, as apropriações de uns e de outros.

Tais contribuições mantêm-se vivas como herança reivindicada por várias clínicas do trabalho, entre elas a Abordagem Ergológica do Trabalho, desde os primeiros contatos no início dos anos 1980. Neste texto delineamos continuidades, mas é necessário considerar que, passando pelas primeiras apropriações, desdobraram-se evoluções críticas, que não tratamos aqui, no processo natural de reflexão em contraponto com a realidade francesa. O trabalho passou por transformações profundas desde então. Diríamos que são patrimônios teórico-metodológicos, em diálogo permanente entre si, com vários campos disciplinares e tendo sempre como contraponto o trabalho real, nisso, sua vivacidade.

A aproximação inicial que apresentamos aqui busca tecer os fios de uma herança crítica, reivindicada em alguns dos principais textos de Yves Schwartz. Além dessa apropriação crítica em diálogo, a Abordagem Ergológica do Trabalho resulta da combinação de vários outros patrimônios, entre os mais fundamentais, a Ergonomia wisneriana e a Filosofia da Vida de Georges Canguilhem. Essa síntese que se exprime fortemente nas reflexões de Yves Schwartz é única.

É uma síntese que prima pelo diálogo entre disciplinas, e delas com a experiência de trabalho real, no contexto de qualquer trabalho. A abordagem ergológica é uma *démarche* para a qual qualquer trabalho é bom a analisar, implicando os mais diversos conhecimentos e saberes disponíveis convocados a compreender e transformar as situações reais. Estas nas quais a experiência que faz a atividade humana nas forças produtivas nas quais se empregam, nos convocam.

É uma tessitura sem fim, visto que novas apropriações críticas, interpretações diversas e sínteses de tipo novo se desenvolvem por novas gerações de pesquisadores que, a partir da Abordagem Ergológica, estudam o trabalho.

## Referências

- Bendassolli, P., & Soboll, L. (Orgs.) (2011). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. Atlas.
- Cunha, D. M. (2023). *Entrevista com Alessandra Re*. (mimeo).
- Facchini, L. A. et al. (1997). Ícones para mapas de riscos: uma proposta construída com os trabalhadores. *Cadernos de Saúde Pública*, 13 (3), 497-502.
- Facchini, L. A., Weiderpass, E., & Tomasi, E. (1991). Modelo operário e percepção de riscos ocupacionais e ambientais: o uso exemplar de estudo descritivo. *Revista de Saúde Pública*, 25 (5), 394-400.
- Fassa, A. C., & Facchini, L. A. (1992). Como discutir a saúde do trabalhador? A contribuição do Modelo Operário e do Jogo Dramático. *Saúde em Debate*, 34, 13-16.
- Kuhn, T. S. (1972). *La structure des révolutions scientifiques*. Flammarion.
- Mattos, U. A. de O., & Feritas, N. B. B. (1994). Mapa de risco no Brasil: as limitações da aplicabilidade de um modelo operário. *Cadernos de Saúde Pública*, 10 (2), 251-258.

- Muniz, H. P., Brito, J., Souza, K. R., Athayde, M., & Lacomblez, M. (2013). Ivar Oddone e sua contribuição para o campo da saúde do trabalhador no Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 38, 128.
- Oddone, I. (2016). Psicologia e organização da saúde. *Revista Trabalho e Educação*, 25 (2), 15-31.
- Oddone, I., Marri, G., Gloria, S., Briante, S. Chiatella, M., & Re, A. (2020). *Ambiente de trabalho: A luta dos trabalhadores pela saúde*. Hucitec.
- Oddone, I., & Re, A. (2017). Como recuperar o saber profissional. *Trabalho e Educação*, 26 (3).
- Oddone, I., Re, A., & Briante, G. (1981). *Redécouvrir l'expérience ouvrière*. Messidor/Éditions Sociales.
- Oddone, I., Re, A., & Briante, G. (2023). *Experiência operária, consciência de classe e psicologia do trabalho*. Fabrefactum.
- Pereira, J. M. (2015). *Modelo operário venezuelano: uma contribuição latino-americana à formação de trabalhadores* [Dissertação de Mestrado]. UFMG.
- Pereira, M. (2017a). Entrevista: Alessandra Re. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 20 (2), 203-212.
- Pereira, M. de S. (2017b). Movimento Operário Italiano, Ivar Oddone e a Instrução ao Sósia. *Revista Trabalho & Educação*, 26 (3), 13-27.
- Potiguar, A. K. L. S., Caraballo, G. P., Prestes, M. G., Xavier, D. G. P., Falcão, J. T. R., & Torres, C. (2016). Apropriações da Instrução ao Sósia na análise da atividade de trabalho. *Revista de Psicologia*, 21 (4), 446-455.
- Ruzzenenti, M. (1990). A experiência no movimento sindical italiano na luta pela saúde dos trabalhadores. *Caderno da CUT Jurídico e Relações Sindicais*, 4, 44-47.
- Schwartz, Y. (org.). *Reconnaisances du travail: pour une approche ergologique*. PUF.
- Schwartz, Y., Faïta, D. et al. (1985). *L'homme producteur: autour des mutations, du travail et des savoirs*. Messidor/Éditions Sociales.
- Schwartz, Y. (1997). *Expérience et connaissance du travail*. Messidor/Éditions Sociales.
- Schwartz, Y. (2000). *Le paradigme ergologique ou un métier de philosophe*. Octares Editions.
- Schwartz, Y. (2004). Ergonomia, filosofia e exterritorialidade. In: Daniellou, F. (Org.), *A ergonomia em busca de seus princípios: debates epistemológicos*. Edgard Blücher.
- Souza, K. R. et al. (2018). Cadernetas de saúde e trabalho: diários de professores de universidade pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 34 (3).
- Thompson, E.P. (1981). *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Zahar.

### Endereço para correspondência:

daisycunhaufmg@gmail.com

Recebido em: 28/11/2023

Aprovado em: 01/03/2024

